



## Helga Zepp-LaRouche: “A Necessidade de um Novo Paradigma”

*Esta é uma transcrição editada do discurso de Helga Zepp-LaRouche na sessão plenária da conferência do Instituto Schiller, de 9 de Abril de 2022, "Estabelecer uma Nova Arquitectura de Segurança e Desenvolvimento para Todas as Nações". A Sra. Zepp-LaRouche é a fundadora e líder do Instituto Schiller.*

Caros participantes da conferência vindos de todo o mundo! O que nos reúne hoje aqui, com participantes de mais de 60 países de quatro continentes, é a nossa maior angústia de que a própria existência da humanidade esteja em grave perigo. O objectivo da nossa conferência é despertar a consciência das cada vez mais forças sociais em todo o mundo, de que, devido ao perigo de um confronto estratégico actualmente em escalada, poderá em breve haver um envolvimento militar total entre a OTAN e a Rússia que conduza a uma guerra mundial, o que muito provavelmente significaria a aniquilação da humanidade num inverno nuclear ulterior. O objectivo da nossa conferência é, portanto, demonstrar da forma mais poderosa, que existe uma alternativa imediatamente acessível, um novo paradigma, que pode deixar para trás essa ameaça mortal e iniciar uma nova era da história humana, em coesão com a verdadeira natureza da humanidade como a única espécie conhecida até agora capaz de raciocinar.

O perigo dessa grande guerra não começou no dia 24 de Fevereiro deste ano. Como o meu falecido marido Lyndon LaRouche previu com presciência em Agosto de 1971 - depois de Nixon ter substituído as taxas de câmbio fixas do Sistema de Bretton Woods por taxas de câmbio flutuantes - que a continuação desta política monetária, a menos que corrigida, conduziria inevitavelmente a um novo fascismo e a uma nova guerra mundial. E isto é, 50 anos mais tarde, exactamente onde estamos neste momento.

O perigo agudo de guerra, a guerra maior, vem do facto de o sistema financeiro neoliberal transatlântico já se encontrar na fase avançada de colapso de uma explosão hiper-inflacionária de um sistema irremediavelmente falido, antes da guerra na Ucrânia ter começado. Para compreender as verdadeiras razões da crise na Ucrânia, é preciso voltar às razões pelas quais se perdeu a grande oportunidade histórica que existiu após a desintegração da União Soviética, para o estabelecimento de uma verdadeira ordem de paz, como então propusemos com o programa da Ponte Terrestre Eurasiática. Um bom ponto de entrada, uma janela para obter uma visão, é um documento que foi originalmente divulgado ao New York Times por um delator em Março de 1992 que ficou



Instituto Schiller  
Helga Zepp-LaRouche

conhecido como a Doutrina Wolfowitz, que foi escrita no espírito do anterior Projecto para um Novo Século Americano. Afirmava que parte da missão americana seria assegurar o seu papel como a única superpotência no mundo pós-soviético que teria poder militar suficiente para dissuadir qualquer nação ou grupo de nações de desafiar a primazia da América. A 8 de Março de 1992, o New York Times escreveu: “Os documentos do Pentágono são a mais clara rejeição até à data do internacionalismo colectivo, a estratégia que emergiu da Segunda Guerra Mundial quando as cinco potências vitoriosas procuraram formar uma ONU que pudesse mediar disputas e policiar surtos de violência”.

A Doutrina Wolfowitz foi a verdadeira razão pela qual a promessa feita a Gorbachev, pelo Secretário de Estado James Baker III, em três ocasiões diferentes em Fevereiro de 1990, de que a OTAN não se expandiria “uma polegada para Leste”, não foi cumprida. A Doutrina Wolfowitz, baseada na relação especial anglo-americana, foi o axioma básico para toda uma série de políticas a seguir, a começar pela chamada “terapia de choque” do FMI que apoiou as reformas liberais na Rússia nos anos 90, que à luz da riqueza de matérias-primas e conhecimentos científicos da Rússia, visava explicitamente eliminar um potencial futuro concorrente no mercado mundial, e que reduziu a capacidade industrial da Rússia de 1991-1994 para apenas 30%. Foi a base para as várias guerras intervencionistas no Iraque, os bombardeamentos contra a Jugoslávia, as guerras contra o Afeganistão, Líbia, Síria, bem como as cinco expansões da OTAN para o Leste. O discurso de Putin na Conferência de Segurança de Munique, em 2007, foi um protesto dramático contra a promulgação do mundo

unipolar, que permaneceu essencialmente sem resposta, tal como as várias definições de "linhas vermelhas" relativas aos interesses de segurança fundamentais da Rússia, até à recente aos Estados Unidos e à OTAN, em 17 de Dezembro, articulada por Putin.

## **Mudança de regime visando a Rússia**

O conflito entre a pretensão de manter essencialmente um mundo unipolar e a emergência de um mundo multipolar - que foi o resultado natural da ascensão económica da China, a atracção da BRI [Belt and Road Initiative – Iniciativa Um Cinturão e Uma Rota] para mais de uma centena de países, a parceria estratégica entre a Rússia e a China, e mais recentemente, a recusa de muitos países, como a Índia, Paquistão, Brasil, África do Sul, e outros a serem arrastados para o confronto geopolítico entre o Ocidente e a Rússia e a China - esse conflito está no cerne do perigo actual.

É terrível que tenhamos uma guerra no meio da Europa, mas as guerras no Iraque, Afeganistão, Líbia, Síria, Líbano, etc. também o foram. Mas elas quase não existiam nas notícias. Será que alguém pensou que os militares russos poderiam ter chegado a outra conclusão, quando viram o bater de sanções cada vez mais duras, a actuação de vários cenários de think-tank RAND e o coro de políticos ocidentais sobre "esmagar" a economia russa, "esmagar" Putin, "esmagar" o sistema russo - a maior potência nuclear do planeta?

E agora, após as negociações entre delegações russas e ucranianas na Turquia terem atingido um primeiro passo esperançoso, imagens das atrocidades da guerra, sem sequer um minuto de presunção de inocência até prova em contrário em relação à autoria, servem para aplicar mais sanções, uma expulsão de diplomatas, e a ameaça aberta de falência da Rússia.

A política visa abertamente uma mudança de regime, num esforço para fazer não só Putin, mas também toda a Rússia um pária entre as nações por um futuro indeterminado, excluindo-a do Conselho de Segurança da ONU, mesmo da ONU e do G20, o que irá destruir estas instituições. Provocará a completa dissociação política e económica entre o Ocidente, a Rússia e a China. Esta política já tem e está a causar danos devastadores à economia física mundial - a chamada cadeia de abastecimento - e está a catapultar as potenciais vítimas de uma fome mundial para mil milhões de pessoas; ou seja, um oitavo de toda a espécie humana! Já há manifestações de fome em muitos países do Médio Oriente, África e América Latina! Entretanto, a inflação dos preços dos alimentos, da energia, das matérias-primas ameaça reduzir para metade a produção industrial em muitos países, o desemprego em massa espreita e um colapso total no caos.

## **Um novo sistema está a emergir**

Um novo sistema já está a emergir, centrado na China e na BRI, Rússia, Índia e outros. Há muitos novos alinhamentos estratégicos a ocorrer: a OCX [Organização de Cooperação de Xangai], os BRICS, as relações China-OCI [Organização de Cooperação Islâmica], as muitas relações entre o Sul Global. Mas mesmo a concepção de um mundo multipolar não resolve o problema, porque ainda implica o perigo de um confronto geopolítico. Precisamos de uma mudança dramática e imediata na forma como organizamos os nossos assuntos. Tem de começar com uma visão honesta e explícita, de que a continuação das actuais políticas corre o risco de um conflito onde não haveria vencedor, e por isso é necessária uma nova conferência de paz na tradição da Paz de Vestefália.

O reconhecimento de que a única opção que restava era ter negociações de paz, surgiu nas partes beligerantes após 150 anos de guerra religiosa na Europa, das quais a Guerra dos Trinta Anos foi apenas o culminar, uma vez que se aperceberam, que ninguém ficaria vivo para desfrutar da vitória se a guerra continuasse. Hoje, numa guerra nuclear, muitas cidades estariam mortas em poucas horas, e o resto da humanidade sofreria, enferma num mundo contaminado pelas armas nucleares, até que toda a vida acabasse, ou os poucos sobreviventes infelizes contemplariam a razão pela qual a humanidade não era capaz de impedir a sua própria destruição.

Por conseguinte, deve haver a convocação imediata de uma conferência de emergência no espírito da Paz de Vestefália, onde "Em nome da Paz, todos os crimes cometidos por um lado ou pelo outro devem ser perdoados e esquecidos", e "Em nome da Paz, toda a política deve ter em conta o interesse do outro".

Deve haver a intenção de criar uma nova arquitectura internacional de segurança e desenvolvimento, que tenha em conta os interesses de segurança de cada um dos países do planeta. Tem de haver um cessar-fogo imediato. E deve ser criado um novo sistema de crédito para substituir o sistema financeiro falido, como a verdadeira causa do perigo de guerra. Deve ser baseado nos princípios do sistema original de Bretton Woods tal como foi pretendido por Roosevelt, mas devido à sua morte prematura, nunca foi implementado.

Estes princípios que Lyndon LaRouche delineou num "Projecto de Memorando de Acordo entre os Estados Unidos e a URSS", publicado a 30 de Março de 1984, após a União Soviética ter rejeitado a oferta do Presidente Reagan de cooperar para tornar as armas nucleares obsoletas por meios tecnológicos, são ainda hoje absolutamente válidos.

Neste "Projecto de Memorando de Acordo", diz o mesmo: "Artigo 1. Geral - Condições para a Paz - A base política para uma paz duradoura deve ser: a) A soberania incondicional de cada um e de todos os Estados-nação; e b) A cooperação entre Estados-nação soberanos com o objectivo de promover oportunidades ilimitadas de participação nos benefícios do progresso tecnológico,

para benefício mútuo de todos e de cada um. A característica mais crucial da actual implementação de tal política de paz duradoura é uma mudança profunda nas relações monetárias, económicas e políticas entre as potências dominantes e as nações relativamente subordinadas, muitas vezes classificadas como 'nações em desenvolvimento'. A menos que as desigualdades que persistem após o colonialismo moderno sejam progressivamente remediadas, não poderá haver paz duradoura neste planeta.

“Na medida em que os Estados Unidos e a União Soviética [hoje, a Federação Russa] - e a República Popular da China - reconhecem o progresso das potências produtivas do trabalho em todo o planeta para estarem no interesse estratégico vital de cada um e de todos, estas potências estão ligadas a esse grau, dessa forma, por um interesse comum. Este é o âmago das políticas de prática política e económica indispensáveis para a promoção de uma paz duradoura entre estas potências.”

### Condições para a Paz Hoje

O compromisso de participar num programa global de erradicação da pobreza, tal como é delineado, por exemplo, no relatório do Instituto Schiller, *A Nova Rota da Seda torna-se na Ponte Terrestre Mundial*; ou as propostas da China para uma cooperação entre a Iniciativa Belt and Road e o programa Build Back Better dos Estados Unidos, e o programa Global Gateway da UE, podem tornar-se o verdadeiro sustentáculo para uma tal arquitectura de segurança global.

A Ucrânia, em vez de ser carne para canhão num confronto geopolítico, pode ser a ponte entre a Europa e as outras nações eurasiáticas.

À luz da pandemia presente, e do perigo de futuras pandemias, devem ser construídas um sistema de saúde moderno em cada país. À luz da fome que ameaça a vida de mil milhões de pessoas, e do crescimento populacional previsto, os governos devem tomar medidas de

emergência para duplicar a produção mundial de alimentos, a fim de garantir uma dieta saudável para todos os seres humanos.

O direito internacional, tal como se desenvolveu a partir da Paz de Vestefália e foi estabelecido na Carta das Nações Unidas, deve ser reinstituído sem quaisquer limitações. Os Cinco Princípios de Coexistência Pacífica devem ser as directrizes para a cooperação entre todas as nações.

### Diálogo dos Melhores da Cultura

A presente crise existencial demonstrou que a humanidade tem um futuro comum ou nenhum, e que devemos colocar o interesse de uma humanidade acima de todos os interesses nacionais, e que a partir de agora todos os interesses nacionais devem estar em coesão com o interesse da humanidade como um todo.

É uma expressão da riqueza da nossa civilização humana o facto de ter gerado diferentes culturas. Devemos fazer avançar o diálogo das melhores tradições destas culturas, as mais belas criações da ciência e da arte, como demonstração da criatividade única do homem, e assim criar uma nova renascença, que dará início a uma nova era da humanidade. Substituiremos o ódio e o preconceito contra outras culturas, que só existe se não as conhecermos, por um amor terno por toda a humanidade, porque é o bem mais precioso do universo conhecido.

Ver no telefone



---

Para informação adicional, enviar email a [preguntas@larouchepub.com](mailto:preguntas@larouchepub.com)